

Cortejo da «Queima» parou a Baixa

DESFILE MAIS PARTICIPADO MAS POBRE E SEM IMAGINAÇÃO

A Baixa portuense pôde assistir, ontem, mais uma vez, ao cortejo da «Queima das fitas», à manifestação em que a população toma contacto com os estudantes, com as suas alegrias e tristezas. Saída da Reitoria da Universidade, no ex-CICAP, cerca das 18 horas, prolongou-se até cerca das 20 horas, percorrendo várias artérias da cidade.

folgam outros não podem fazê-lo.

• Fantasma do desemprego

Das soluções para a economia portuguesa, através

loquia para qualquer tipo de trabalho» e, sobretudo, pela falta de originalidade nos «slogans», escritos ou cantados e dos próprios desenhos alegóricos, de tudo se viu um pouco nesta edição do cortejo de 1986, onde foi bem notória a grande

pergunta, entre outras coisas: «O filho, onde é que vai meter o canudo? Mete-o no...»

Com as bombas do Kadaphi/E o desemprego hoje em dia/Não temos outro remédio/Sendo a pirataria Assim escreveram os estu-

lização de «slogans», por vezes bem pouco ortodoxos, deram uma nota negativa na habitual boa relação de amizade entre os estudantes da Academia. Exemplifiquemos: «Se tivesse entrado na Católica não estava no desemprego», podia ler-se num carro da Universidade Livre.

Com a proliferação de novos estabelecimentos e a falta de colocação, depois da formatura, seria de esperar que questões como esta acabassem por vir à baila, mesmo na manifestação mais pública da «Queima das Fitas», o cortejo académico que tantos interessados chama à Baixa portuense.

A euforia de anos anteriores, por vezes em demasia e com reflexos negativos junto da população — anteriores cortejos pareciam ter maior permissividade por parte dos assistentes — morreu este ano, por parte da Comissão Organizadora da «Queima», de apelos videntes à moderação da Academia, pois o «o futuro da «Queima» estaria em perigo» e, mesmo, «já se lixam fechada algumas portas aos estudantes». No entanto no cortejo, os apelos surtiram algum efeito, já que não se viam tantas garrafas de cerveja a rodar nas mãos dos participantes.

Os estudantes têm certamente consciência do que a «Queima das Fitas» representa para eles, pelo menos

no que toca aos exageros de anos últimos. Agora, quanto à originalidade das chamadas de atenção e crítica social, política, etc., já não se poderá dizer o mesmo. Assim, quem sabe, talvez o cortejo acabe por se tornar numa manifestação mais da «Queima das Fitas» e não naquela chamada de atenção às entidades e população em geral para os problemas que, por vezes, muitos desconhecem, que mais afligem os estudantes universitários da Academia portuense e do país.

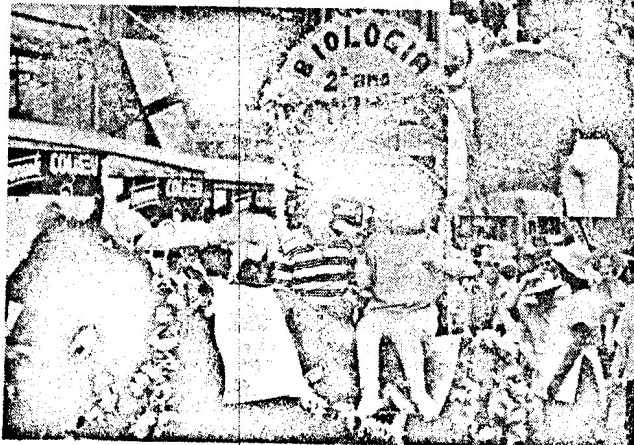
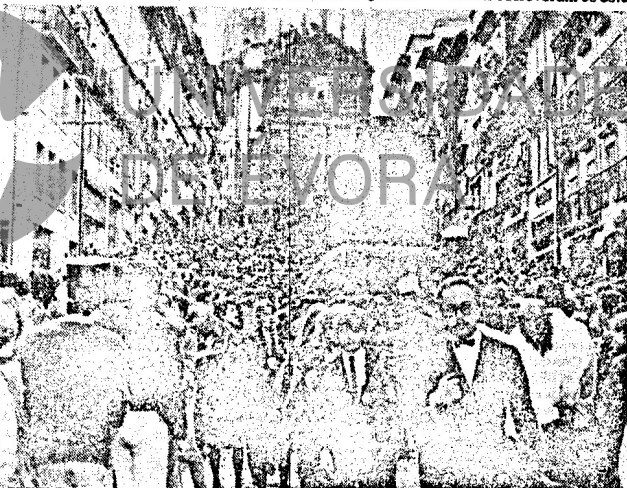
Os festejos prosseguem até ao próximo domingo com o programa habitual e algumas novidades, como sejam os «Jogos Académicos», que terão lugar também na Baixa da cidade, dentro de dias.

• Faculdade em confronto

Também as divergências, nomeadamente entre estudantes da Universidade Livre e da Católica, com a uti-

Com uma participação bem mais significativa do que, por exemplo, no ano transacto, o cortejo académico denotou, no entanto, uma certa pobreza quer na questão dos carros alegóricos quer nos habituais «slogans» que, normalmente, focam os problemas do país com que os futuros «doutores» se vão defrontar. O desemprego é a preocupação primeira de quase todas as

também «desceu à Baixa», não quis deixar de estar presente, ladeando as ruas por onde o cortejo passou. Os familiares e amigos dos estudantes que desfilavam em carros ou a pé, não escondiam a alegria de ver algumas caras conhecidas no meio da euforia, dos apitos, das cantigas, dos confetes, das serpentinas, que constituem a praxe desta tarde de festa com que a cidade já se



A alusão ao ensino estabelecido um paralelo com os «doutores» e o animal que puxava o veículo: uma caricatura não original mas que surte efeito neste contexto.

carreiras universitárias, que agora são em número bem maior que em anos anteriores. A criação das recentes carreiras contribuíram certamente para uma maior adesão estudantil ao cortejo.

A população, apesar do dia meio incerto (a chuva

habitou a contar, nos primeiros dias de Maio.

No entanto, no bulício da cidade, também há muita gente que passa sem notar muito bem aquilo que se passa à sua volta.

Enfim, o dia-a-dia é por vezes muito diferente para os habitantes da cidade: uns

da «moedinha da sorte» do Tio Patinhas, de Walt Disney, ao apelo ao Ministério da Educação, com alusão à letra da canção portuguesa concorrente ao Festival da Eurovisão (Ministério da Educação não seja mau para mim), passando pela oferta de licenciados de Fi-

Bem visível a grande presença de «doutores»

preocupação por parte dos estudantes em deixar patente que a «Queima das Fitas» não é só aquilo que aparenta por fora.

No meio de toda a alegria carnavalesca, dos beljos carros conhecidos e das «garrafas» que se encontravam nos posses, existem outras questões, que se colocam sobretudo aos finalistas. Isto não é novidade, desde que apareceram os entraves à livre frequência das Faculdades e ao posterior desemprego, uma espécie de fantasma que acompanha os estudantes da maioria das faculdades.

Bem patente, o problema do que espera os doutores, nos carros e dizeres da Faculdade de Letras, por exemplo, onde no caso dos alunos da variante de Arte & Arqueologia História, se

dantes de Engenharia Electrotécnica no seu carro alegórico em forma de nau-pirata, com bandeira e tudo.

O «petróleo de Viana» também motivou alunos de Engenharia para chamar a atenção para os grandes problemas com que lutam os nossos engenheiros recém-formados... e o país!

Meia perdida no desfile uma carroça puxada por um «cavalo» dava um toque de nostalgia, no grande número de veículos automóveis utilizados no cortejo, e, ao mesmo tempo, aludia ao ensino e aos «doutores».

Organiz. Estudantil - Queima das Fitas

Univ. Porto